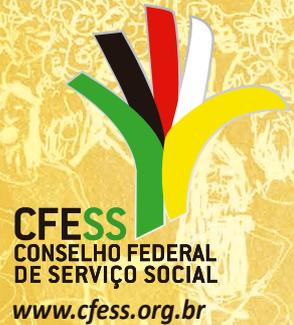


CFESS Manifesta

Dia Nacional da Consciência Negra

Brasília (DF), 20 de novembro de 2017
Gestão É de batalhas que se vive a vida!



LUTAR OCUPAR VIVER
AMAR QUEBRAR CORRENTES RESISTIR
DESAFIAR SENTIR

É PRA TER ORGULHO,
É COISA DE PRETA E PRETO!

ASSISTENTES SOCIAIS NO COMBATE AO RACISMO

NÃO O CANTO DE MENTIRA E FALSIDADE
QUE A ILUSÃO ARIANA
CANTOU PARA O MUNDO
NA CONQUISTA DO OURO
NEM O CANTO DA SUPREMACIA DOS
DERRAMADORES DE SANGUE
DAS UTÓPICAS NOVAS ORDENS
DE NAPOLEÔNICAS CONQUISTAS
MAS O CANTO DA LIBERDADE DOS POVOS
E DO DIREITO DO TRABALHADOR...
(CANTA AMÉRICA - SOLANO TRINDADE)

A gestão do CFESS “É de batalhas que se vive a vida” vem, neste 20 de novembro, dizer que hoje é um dia de luta, de resistência da população negra, pois vivemos numa sociedade em que as desigualdades são perpetuadas, por meio de um sistema de exploração determinado pela relação entre capital e trabalho, em que a acumulação de capital só foi possível devido à escravidão e ao tráfico de homens e mulheres negros/as.

As atuais contrarreformas, trabalhista e da previdência, comandadas pelo governo ilegítimo de Michel Temer e pelo Congresso Nacional, fazem parte de um

projeto de intensificar a exploração da força de trabalho e beneficiar a burguesia brasileira e internacional.

No Brasil, a crise econômica se aprofunda, com aumento do desemprego, queda no setor produtivo, nos serviços e com aumento generalizado da pobreza. Já o sistema financeiro manteve lucros exorbitantes, mediante especulação financeira e aumento constante das taxas de juros. A fatura desta crise recai sobre a classe trabalhadora, que, na sua maioria, é de negros e negras, e atinge muito mais as mulheres negras, sendo marcadas pela dupla discriminação, de raça e gênero.



Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apontam ainda que o motivo de tanta desigualdade é a presença do/a negro/a em postos de trabalho menos especializados, comumente na condição de subempregados/as sem carteira assinada ou terceirizados/as. Também se registra que a população negra apresentou as menores taxas de rendimentos e as maiores taxas de desemprego (2011 e 2012).

Após 400 anos de escravidão, negros e negras ingressam no mundo do trabalho assalariado predominantemente nos serviços mais pesados e precarizados, com salários inferiores, expostos às piores condições de vida e de trabalho. Consequentemente é essa parcela da população que se encontra imersa em todo tipo de violência, como moradias precárias, transportes públicos sem qualidade, falta de acesso à saúde, à educação e outros direitos e serviços.

Logo, podemos concluir que é um fato o aumento do racismo na sociedade capitalista brasileira e que a POBREZA TEM COR.

No Brasil, o racismo é institucionalizado pelo Estado, pelos governos e pela burguesia brasileira, que tentam suavizar a realidade a partir da falácia da democracia racial e do embranquecimento da população. Segundo Martins (2013): “Nunca na história das sociedades, se desenvolveu um racismo tão dissimulado como o da sociedade brasileira amparando-se no discurso da ‘democracia racial’”.

A construção do mito da “democracia racial” pela burguesia brasileira exerceu e exerce uma força grandiosa na mente dos/as trabalhadores/as, pois essa ideologia serve para encobrir o racismo e garantir a dominação material e cultural de uma minoria, a burguesia.

No Brasil, a implantação do capitalismo nasceu dependente do imperialismo inglês e estadunidense e a burguesia brasileira foi e é uma extensão de uma classe social escravocrata, conservadora, autoritária. Historicamente, a classe social dominante durante a escravidão se fez capitalista, mantendo seus privilégios e tratando a “questão social” como “caso de polícia” até os dias atuais, com processos de higienização, genocídios, desaparecimentos de jovens negros/as das periferias, criminalização da pobreza, repressão e marginalização de toda uma população negra desse país.

O RACISMO ESTÁ NA BASE DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO BRASILEIRO E OS/AS NEGROS/AS REPRESENTAM O SETOR MAIS EXPLORADO

RECONHECER A ESCRAVIDÃO COMO UM CRIME QUE VIOLOU MASSIVAMENTE OS DIREITOS HUMANOS EXIGE REPARAÇÕES IMEDIATAS!

O TEMA DA CAMPANHA DO CONJUNTO CFESS-CRESS, A SER LANÇADA EM BREVE, SERÁ “ASSISTENTES SOCIAIS NO COMBATE AO RACISMO”. COMBATER O RACISMO TAMBÉM É UMA TAREFA DA NOSSA CATEGORIA NO SEU COTIDIANO, EM QUE TANTAS EXPRESSÕES DESSA IDEOLOGIA SE NATURALIZAM POR MEIO DO AMBIENTE INSTITUCIONAL

O racismo está na base da formação do capitalismo brasileiro e os/as negros/as representam o setor mais explorado, sem contar seu peso numérico.

A burguesia brasileira, em seu processo de consolidação enquanto classe social dominante e dependente do imperialismo, utilizou-se do mecanismo do “Mito da Democracia Racial” para melhor impor o racismo de forma institucional e ampliar a dominação, combinando dois fatores: raça e classe. Assim, é necessário entender que o racismo no Brasil serviu para violar os direitos da classe trabalhadora, e que o combate a essas violações requer o fim da propriedade privada, ou seja, uma luta que articule necessariamente as dimensões de raça e classe contra o capital.

Palmares vive em nossas lutas negras!

As lutas do movimento negro se expressam, entre outras pautas, exigindo reparações do Estado, pois a escravidão deve ser entendida como um crime praticado contra a humanidade. Reconhecê-la como um crime que violou

massivamente os direitos humanos exige reparações imediatas. Aqui podemos citar algumas delas que, podemos afirmar, já fazem parte das bandeiras de luta do Serviço Social brasileiro:

- Combate a todas as expressões (práticas e ideológicas) que alimentem as teorias do embranquecimento e o mito da democracia racial;
- Garantia de que o racismo seja tratado como crime inafiançável;
- Solidariedade internacional contra a discriminação de imigrantes e povos não brancos de todo o mundo;
- Salário igual para trabalho igual (para homens e mulheres, negros/as e brancos/as);
- Investimentos sociais para a comunidade negra (inclusive a quilombola);
- Cotas para os concursos e serviços públicos, proporcionais à presença da população negra;
- Fim de todas as formas de terceirização e precarização, que atingem particularmente os setores oprimidos, a começar por mulheres negras;
- Combate à violência racista e ao genocídio da juventude negra;
- Fim da perseguição e criminalizações dos movimentos e ativistas;
- Atenção médica às enfermidades com maior incidência entre negros/as, como anemia falciforme, diabetes, miomas e hipertensão, dentre outras;
- Defesa da Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin 4887/03), para que os quilombolas tenham reconhecida a titulação de suas terras;
- Cotas e outras formas de ações afirmativas para educação, proporcionais à população negra de cada estado, desvinculadas das cotas sociais;
- Garantir políticas de permanência e bolsas para os/as estudantes cotistas;
- Combate à discriminação religiosa, que também se materializa em preconceito e violência contra o povo negro e sua cultura.

O Conjunto CFESS-CRESS aprovou, no seu último Encontro Nacional, realizado em setembro de 2017, a Campanha de Gestão cujo tema será “Assistentes sociais no combate ao racismo”. Por meio dela, afirmamos que combater o racismo também é uma tarefa colocada aos/as assistentes sociais no seu cotidiano, em que tantas expressões dessa ideologia se naturalizam por meio do ambiente institucional. Parafraseando Malcolm X: “NÃO HÁ CAPITALISMO SEM RACISMO”. Portanto, conclamamos as/os profissionais do Serviço Social: VAMOS AQUILOMBAR ESSE PAÍS! Somos todos/as negros/as!

Gestão É de Batalhas que se vive a vida! (2017-2020)

Presidente Josiane Soares Santos (SE)
Vice-presidente Daniela Neves (RN)
1ª Secretária Tânia Maria Ramos Godoi Diniz (SP)
2ª Secretária Daniela Möller (PR)
1ª Tesoureira Cheila Queiroz (BA)
2ª Tesoureira Elaine Pelaez (RJ)

Conselho Fiscal
 Nazarela Silva do Rêgo Guimarães (BA), Francieli Piva Borsato (MS) e Mariana Furtado Arantes (MG)

Suplentes
 Solange da Silva Moreira (RJ)
 Daniela Ribeiro Castilho (PA)
 Régia Prado (CE)
 Magali Régis Franz (SC)
 Lylia Rojas (AL)
 Mauricleia Santos (SP)
 Joseane Couri (DF)
 Neimy Batista da Silva (GO)
 Jane de Souza Nagaoka (AM)

CFESS MANIFESTA

Dia Nacional da Consciência Negra

Conteúdo (aprovado pela diretoria):

Mauricleia Santos

Organização: Comissão de Comunicação

Revisão: Diogo Adjuto

Diagramação e arte: Rafael Werkema



CFESS
 CONSELHO FEDERAL
 DE SERVIÇO SOCIAL

NOSSO ENDEREÇO
 SCS Quadra 2, Bloco C, Edif.
 Serra Dourada, Salas 312-318.
 CEP: 70300-902 - Brasília - DF
 Fone: (61) 3223-1652
 comunicacao@cfess.org.br
 cfess@cfess.org.br
 www.cfess.org.br